

Um olhar à frente de seu tempo: Vigotski e a educação inclusiva

A vision ahead of its time: Vygotsky and inclusive education

Una mirada adelantada a su tiempo: Vigotski y la educación inclusiva

DOI: 10.52641/cadcajv10i1.925

Submitted on: 4.18.2025 | Accepted on: 5.9.2025 | Published on: 5.21.2025

Maria Angélica de Oliveira da Silva¹

Michell Pedruzzi Mendes Araújo²

Valdete Teles Xavier Soares³

Rogério Drago⁴

Sabrina da Silva Machado Trento⁵

Israel Rocha Dias⁶

RESUMO: O presente estudo objetiva explorar as contribuições de Lev Semionovich Vigotski para a educação inclusiva, demonstrando o quanto suas ideias ainda são relevantes para a contemporaneidade, servindo de base para uma perspectiva que reconhece os sujeitos com deficiência de forma holística, para além de sua condição. Por meio de um estudo bibliográfico de caráter qualitativo, percebemos que o autor elaborou uma concepção moderna de inclusão, entendendo que as deficiências não eliminam o componente social da formação humana, além de defender o direito de que todos estejam inseridos, de fato, ao meio social, visto que é na interação que o sujeito se humaniza. Ademais, sua perspectiva nos apresenta o conceito de compensação social, primordial para entendermos como o meio atua no desenvolvimento psicológico dos sujeitos com deficiência. Nesse sentido, é perceptível que a escola se mostra como um agente muito relevante, à medida que possibilita um ambiente planejado e adaptado às necessidades das crianças com deficiência.

Palavras-chave: Vigotski, desenvolvimento, inclusão, educação.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: maria_angelica2@discente.ufg.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: michellpedruzzi@ufg.br

³ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: valdetesoares@discente.ufg.br

⁴ Pós-Doutor em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: rogerio.drago@gmail.com

⁵ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Prefeitura Municipal de Serra. Serra, Espírito Santo, Brasil. E-mail: machadosasa1980@gmail.com

⁶ Pós-Doutor em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: isrocha30@gmail.com

ABSTRACT: This study aims to recover and present the contributions of Lev Semionovich Vygotsky in the field of inclusive education, highlighting how his ideas remain relevant today. His work serves as a foundation for a perspective that recognizes individuals with disabilities in their entirety, beyond their condition. Through a qualitative bibliographic study, we observe that Vygotsky developed a modern conception of inclusion, understanding that disabilities do not eliminate the social component of human development. He also defended the right of all individuals to be truly included in the social environment, as it is through interaction with the environment that individuals internalize elements of reality. Moreover, his perspective introduces the concept of social compensation, which is essential for understanding how the environment influences the psychological development of individuals with disabilities. In this regard, the school emerges as an important agent, as it provides a structured and adapted environment to meet the needs of children with disabilities.

Keywords: Vygotsky, development, inclusion, education.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo rescatar y exponer las elaboraciones de Lev Semionovich Vigotski en el ámbito de la educación inclusiva, demostrando cuán relevantes siguen siendo sus ideas en la actualidad. Su pensamiento sirve de base para una perspectiva que reconoce a las personas con discapacidad en su totalidad, más allá de su condición. A través de un estudio bibliográfico de carácter cualitativo, se observa que el autor desarrolló una concepción moderna de inclusión, comprendiendo que las discapacidades no eliminan el componente social de la formación humana. Además, defendió el derecho de todos a estar realmente insertos en el entorno social, ya que es en la interacción con el entorno donde el sujeto internaliza los elementos de la realidad. Asimismo, su perspectiva nos presenta el concepto de compensación social, fundamental para entender cómo el entorno influye en el desarrollo psicológico de las personas con discapacidad. En este sentido, se percibe que la escuela se configura como un agente importante, en la medida en que proporciona un entorno planificado y adaptado a las necesidades de los niños con discapacidad.

Palabras clave: Vigotski, desarrollo, inclusión, educación.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão acerca das pessoas com deficiências e transtornos alterou-se sobremaneira de um século para outro. No cenário hodierno, embora o campo da inclusão ainda seja um espaço de resistência e de lutas, muitas conquistas foram alcançadas, inclusive no contexto educacional. É salutar perceber que esse progresso é gradual,

iniciando por mudanças na própria concepção de criança e de infância, ampliando às questões específicas que tocam a realidade de cada sujeito, como as deficiências.

Em relação à concepção de criança, Drago, à luz da teoria de Vigotski, destaca que

a criança é um ser social produtor, possuidor de e reproduzidor de história cultura, conhecimento e aprendizado em constante crescimento social e psicológico que caminha para a transformação de um ser ao mesmo tempo coletivo e individual. Coletivo por fazer parte de certo microgrupo social ou como parte da humanidade em uma visão mais macrosocial, e individual por possuir suas características próprias, sua identidade, seus gostos, anseios e desejos íntimos (Drago, 2011, p. 108).

Destarte, a criança passa a ser vista como parte ativa da história da humanidade e não mais como apenas um receptor. Por vezes,

[...] comumente a criança é entendida como o oposto do adulto, ou seja, aquele ser que não possui maturidade nem idade suficiente para uma adequada integração social. Esse ainda é um pensamento que faz parte do imaginário social, principalmente quando a criança é identificada como o futuro da nação, ou como alguém que será outra pessoa [...]” (Kramer, 2001 *apud* Drago, 2011, p. 44).

Esse olhar projetado para o futuro pode negligenciar o rico presente da infância. Por isso, é fulcral pensar na infância não como uma pré-vida, mas como um todo que já carrega valor em si mesma. Esse entendimento contribui para a valorização da infância e de seus processos, como o desenvolvimento, vislumbrando a sua intrínseca ligação com as relações sociais estabelecidas em um meio social de trocas e experiências grupais. No entanto, se a criança demorou a ser vista como sujeito partícipe do enredo social, quanto mais as pessoas com deficiência.

A história denuncia casos de invisibilidade de pessoas com deficiência de muitas formas, marcados por violência, negligência e discriminação. Embora, com o passar dos anos, o olhar sobre elas tenha se humanizado, por muito tempo ainda estava atrelado ao cuidado, ao assistencialismo e à caridade. Além disso, pensar aspectos como a educação de pessoas com deficiência não era prioritário - e ainda não o é em muitos contextos da sociedade capitalista.

Por isso, as ideias de Vigotski são tão caras e importantes para a educação inclusiva. Ao desvencilhar o desenvolvimento da exclusividade biológica, evidenciando o seu caráter social, o autor abre as possibilidades de progresso intelectual e social para pessoas com deficiência, visto que as condições específicas que se encontram são um detalhe, mas não determinam seu malogro na vida. Nesse sentido,

[...] a educação em um contexto geral e a inclusiva em um contexto mais específico implicam um processo contínuo de reconhecimento e cultura e, nelas, é produzida e reproduzida, bem como um processo de melhoria da escola, em todos os seus âmbitos institucionais, para promover a aprendizagem e a participação de todos os alunos [...] (Drago, 2011, p. 20).

A participação de todos deve obedecer o *stricto sensu* da palavra “todos”. Ademais, o meio em que o sujeito está inserido pode atenuar ou potencializar as dificuldades que aparecem decorrentes da deficiência. Portanto, a educação, sendo esse lugar de ampliação e promoção de um meio organizado e prospecto para o desenvolvimento, tem papel essencial na inclusão. Para entender melhor os meios de alcançar esse objetivo, é necessário entender quem é o sujeito com deficiência pelas lentes vigotskianas, ou seja, pelo referencial teórico.

Nesse sentido, os objetivos deste estudo são: apreender a crítica sobre a educação especial presente em Vigotski; compreender o desenvolvimento psicológico à luz do conceito de compensação e identificar as aplicações possíveis no presente de suas ideias. Para isso, desenvolveu-se essa pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo em que, por meio de consultas a títulos considerados importantes como Fundamentos da Defectologia (2022) e Psicologia Pedagógica (2003), encontramos relevantes reflexões e postulados para se pensar a educação de pessoas com deficiências.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para entendermos como a visão de educação inclusiva se constitui na teoria histórico-cultural, é necessário apresentar uma partícula de sua base epistemológica. Lev Semionovich Vigotski nasceu em Orsha, Bielo-Rússia, em 1896. Com uma formação diversificada, com estudos nas áreas de Direito, Literatura, Filosofia e Medicina (Rego, 2008), o autor passou a desenvolver discussões e estudos profícuos no ramo da psicologia, sendo convidado para trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou e no Instituto de Estudos de Deficiências, organizando, inclusive, um grupo de pesquisa em psicologia e transtornos psíquicos.

Além de entender o que está na base da compreensão acerca do desenvolvimento psicológico dos sujeitos, é importante destacar um fundamento essencial para a teoria histórico-cultural: o materialismo histórico dialético. Elaborada por Marx e Engels, essa categoria de análise do mundo real interpreta a história da humanidade não como uma sucessão de eventos isolados com o sujeito à parte do processo, mas como um constante movimento entre sujeitos, meio e suas condições de existência. Como sublinha Rego (2008):

De acordo com essa abordagem, o pressuposto primeiro de toda a história humana é a existência de indivíduos concretos, que na luta pela sobrevivência organizam-se em torno do trabalho estabelecendo relações entre si e com a natureza. Apesar de fazer parte da natureza (é um ser natural, criado pela natureza e submetido às suas leis), o homem se diferencia dela na medida em que é capaz de transformá-la conscientemente segundo suas necessidades. É através dessa interação, que provoca transformações recíprocas, que o homem se faz homem. Dessa forma, a compreensão do ser humano implica necessariamente na compreensão de sua relação com a natureza, já que é nesta relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza, criando novas condições para sua existência. (Rego, 2008, p. 96)

Assim, percebe-se desde a sua raiz que as ideias de Vigotski bebem de uma fonte que entende o sujeito como um agente ativo na construção da história. Nesse movimento, o sujeito não apenas é afetado pelos desdobramentos presentes em seu contexto, como também faz parte e define os rumos de sua história. Essa compreensão impactou significativamente a forma que o autor bielorruso entende o desenvolvimento psicológico.

A esse respeito, é importante destacar que Vigotski está situado em um momento particular da história da psicologia na Rússia, marcado por uma dicotomia de vertentes. De um lado havia estudiosos que compreendiam o ser humano a partir de uma perspectiva naturalista, focada no corpo e nos elementos tangíveis e observáveis, sem conceber as complexidades da subjetividade. Em contrapartida, outros davam ênfase a questões mais abstratas como consciência e mente que, sem estabelecer critérios bem definidos, obstaculizam seu reconhecimento na comunidade científica (Oliveira, 1997).

Encontrando um ponto de equilíbrio entre as duas concepções, Vigotski parte de uma visão de ser que contempla seu desenvolvimento integral, considerando não só seus aspectos biológicos, mas também sociais e históricos. Vigotski (2018) afirma que o desenvolvimento é um caminho complexo, que se dá de forma heterogênea, em que o sujeito amadurece seu organismo e sua personalidade. Nesse ínterim,

Podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas. A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico (Vigotski, 2007, p. 42).

As funções psicológicas superiores são atividades psíquicas que gerenciam comportamentos tipicamente humanos, como atenção, memória, linguagem, pensamento, dentre outros. A aquisição dessas funções ocorre de acordo com os planos genéticos do desenvolvimento, que são entradas pelas quais ela acontece, as quais são: filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese.

A filogênese diz respeito às adaptações que a espécie humana possui e lhe confere um funcionamento específico, além de possibilitar comportamentos e ações mais complexas que os outros animais, como visão binocular, coordenação motora fina, bipedismo e plasticidade cerebral. Já a ontogênese se relaciona à maturação do cérebro humano, acontecendo em um ritmo específico.

A sociogênese é a entrada associada à história do indivíduo inserido em grupo, com cultura, valores e princípios preexistentes. À medida que o sujeito se desenvolve e interage com o meio, ele internaliza as formas sociais e transforma também o meio ao seu redor. Vigotski afirma que “o meio se apresenta como fonte de desenvolvimento para as formas de atividade e das características superiores especificamente humanas [...]” (Vigotski, 2018, p. 89-90).

Além da sociogênese, temos, por fim, a microgênese, que nos apresenta o desenvolvimento de cada aquisição de forma mais específica. Como define Oliveira:

Os processos microgenéticos caracterizam a emergência do psiquismo individual no entrecruzamento do biológico, do histórico, do cultural. [...] a microgênese refere-se à história, relativamente de curto prazo da formação de cada processo psicológico específico e também, à configuração única das experiências vividas por cada indivíduo em sua própria história particular [...] (Oliveira, 2003, p. 30).

Em síntese, a teoria histórico-cultural parte de uma posição não determinista, visto que reconhece o lugar dos imbricamentos sociais e históricos na formação dos sujeitos. Embora não negue a relevância dos fatores biológicos, Vigotski não os enxerga como os únicos responsáveis por ditar o ritmo que a marcha do desenvolvimento se dá, já que as circunstâncias em que a vivência do sujeito se concretiza no meio tem enorme impacto em seu desenvolvimento, podendo potencializá-lo ou inibi-lo. Essa noção têm implicações diretas e importantes para se pensar o desenvolvimento de pessoas com deficiência, como veremos no decorrer deste trabalho.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos pretendidos com esse trabalho, optamos pela via de um estudo bibliográfico de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa é caracterizada pelas análises “[...] no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (Minayo, 1994, p. 22). Ao tecermos o objetivo de estudar as ideias do autor no campo da psicologia e pensando também em seu teor social, entendemos a pesquisa qualitativa como um meio coerente para esse fim.

Em relação à pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi afirmam que a “[...] pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (Lakatos, Marconi, 2003, p. 182). Nesse sentido, um estudo bibliográfico é uma maneira de resgatar e dar respaldo à presença de algumas concepções que ainda vigoram no meio acadêmico.

Sendo assim, consultamos algumas obras do autor e colaboradores, porém, nos detivemos, principalmente, em “Fundamentos da Defectologia” (2022), livro dedicado a uma série de apreensões sobre o desenvolvimento de pessoas com deficiências, além de reflexões sobre as concepções presentes na época em que o livro foi escrito. Assim, buscamos focar nos conceitos e ideias elementares para compreender a base do pensamento vigotskiano acerca da defectologia e suas contribuições para se pensar a inclusão nos dias de hoje.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 UM OLHAR SOBRE O SUJEITO COM DEFICIÊNCIA

Vigotski se dedicou a versar sobre as deficiências em algumas obras, sendo a principal “Fundamentos da Defectologia (2022)”. Em suas pesquisas faz reflexões acerca da concepção histórica do sujeito com deficiência e das deficiências em si, partindo de conceitos fortes em suas obras e estabelecendo diálogo com outros pesquisadores da psicologia, concordando ou apresentando contrapontos. O autor apresenta reflexões sobre surdez, cegueira e deficiência mental (termo substituído por deficiência intelectual, atualmente), que são passíveis de ampliação e aplicação para contextos gerais de pessoas com deficiência.

À vista disso, um dos primeiros pontos de destaque no olhar vigotskiano diz respeito a quem é o sujeito com deficiência, nesse caso, a criança com deficiência. Como evidenciado, sua perspectiva entende a criança como um participante ativo e situado na história, que se relaciona e transforma o ambiente ao seu redor. Para Vigotski, a criança com deficiência não está à parte dessa máxima, pois

De acordo com os pressupostos de Vygotsky, ao participar do contexto sócio-histórico e cultural da sociedade à qual está integrada, a criança normal ou deficiente tem contato com os outros no contexto social de forma mais sistemática, por meio dos conhecimentos acumulados pela humanidade e pelas contribuições que os indivíduos recebem de seus pares, papa, assim, em um processo de apropriação e transformação, ir fundamentando-se (Drago, 2011. p. 95).

É fato que a deficiência atravessa a relação do ser com o mundo e com seus pares, já que ela se desenvolve como um desajuste social, visto que as relações são permeadas de tratamento diferenciado, seja pela negligência ou pelo hipercuidado. Ademais, o imaginário popular é marcado por concepções especulativas acerca das pessoas com deficiência. Em alguns momentos, o discurso religioso as estigmatizava como castigadas por alguma divindade; em outros, a ideia de que o comprometimento de um órgão ocasionaria o super funcionamento de outro órgão, criando uma ideia quase mística acerca das pessoas com deficiência (Vigotski, 2022).

Mister faz-se alinhar o discurso com a realidade e com a ciência, pois a forma com a qual a sociedade enxerga as pessoas com deficiência interfere diretamente em como o meio será organizado para essas pessoas. Portanto, primeiramente, é certo afirmar que, como outras crianças, o sujeito com deficiência estará em relação com meio, no entanto, a depender de sua condição específica, a forma que essa relação acontece se difere.

Dessarte, a criança com deficiência não deixa de ser um ser social, outrossim, fora das relações sociais o seu processo de constituição e aquisição de funções psicológicas superiores é prejudicado. O meio continua a ser um expoente central no desenvolvimento, e no caso das deficiências, é um agente que contribui para uma abordagem não fatalista pelo viés biológico. Assim, da mesma forma que uma criança sem deficiência, com todo o organismo biológico em pleno funcionamento, não está garantida de que se desenvolverá dentro de todas as suas possibilidades, uma criança com deficiência não está sentenciada a viver uma vida totalmente limitada. Em ambos os casos, é o meio e as oportunidades promovidas intencionalmente que vão impulsionar a criança a se desenvolver e a ter uma vida com significado. Quanto a esse aspecto, Vigotski

via no contexto social as bases para o desenvolvimento, a aprendizagem e o aprimoramento sociopsicológico de todas as pessoas, independentemente de aspectos referentes à condição social, à condição de abandono, à deficiência ou outra característica qualquer (Drago, 2011, p. 31).

Quando Vigotski estabelece os planos genéticos do desenvolvimento- as “entradas” para o desenvolvimento humano-, sua intenção é apresentar que esse processo não se dá por apenas por uma via. Essa perspectiva nos permite compreender que aspectos biológicos, sociais e culturais se cruzam na história do desenvolvimento de cada sujeito. E nisso está o trunfo da teoria histórico-cultural para a concepção de sujeito e, conseqüentemente, para a percepção da pessoa com deficiência, já que é vista “em um contexto muito maior do que o severo estabelecimento de bases biológicas analíticas e explicativas do comportamento, desenvolvimento e aprendizagem” (Drago, 2011, p. 31). Ao pensarmos em um sujeito com deficiência, portanto, entendemos que sua base biológica apresenta uma particularidade. No entanto, ela não apaga as outras facetas da constituição humana; afinal, as leis gerais do desenvolvimento são as mesmas para todos os seres humanos. Nesse sentido, esse sujeito continuará inserido em um meio cultural, poderá interagir com ele, mesmo que com adaptações, e sua presença e ação no mundo tem valor e potência.

Dessa forma, Vigotski constrói um discurso inclusivo e humanizador, à medida que pelas lentes do fatalismo resultante do determinismo biológico, pessoas com deficiência estariam perpetuamente reféns de uma perspectiva menor de vida, de possibilidades, de realizações e de desenvolvimento. Ao estudar o papel do meio e encontrar o lugar central que ele ocupa nesse processo, Vigotski contribui para um novo olhar e uma nova abordagem no campo educacional, no que tange à aprendizagem e ao desenvolvimento de pessoas com deficiências.

4.2 O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Em sua obra “Fundamentos da Defectologia”, Vigotski (2022) traz uma série de observações pertinentes a respeito das pessoas com deficiência, os imaginários acerca

delas e das deficiências. A obra conta com muitas referências de outros pesquisadores da área da psicologia do desenvolvimento, seguindo uma característica de sua escrita, a fim de enrobustecer o debate e evidenciar seu ponto de vista de forma consistente.

Em primeiro lugar, é importante pensar em como a condição biológica da criança afeta o seu desenvolvimento. No caso da cegueira e da surdez, por exemplo, os órgãos da visão e da audição, respectivamente, são afetados, “órgãos da percepção, através dos quais se estabelecem vínculos de enorme importância com o ambiente” (Vigotski, 2003, p. 258).

Outra deficiência citada por Vigotski é o atraso mental, entendido hoje como deficiência intelectual. De acordo com o DSM-V (APA, 2014), as principais características da deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) incluem déficits em capacidades mentais como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem pela educação escolar e experiência e compreensão prática. Além disso, há também o comprometimento das funções adaptativas, que estão relacionadas a quão bem uma pessoa alcança os padrões de sua comunidade em termos de independência pessoal e responsabilidade social em comparação a outros com idade e antecedentes socioculturais similares (APA, 2014). Tais características atuam diretamente na interação do sujeito com o meio e na forma que ele assimila as informações presentes nele.

Embora cada deficiência tenha a sua condição, o meio continua sendo uma alavanca propulsora para o desenvolvimento. Dessarte, a teoria histórico-cultural não tem uma perspectiva de resignação do sujeito com deficiência em seu próprio mundo. Pelo contrário, é necessário que ele esteja imerso no mundo social a fim de se desenvolver e isso é possível pois as adaptações no meio permitem que as trocas sociais sejam estabelecidas. Portanto, “[...] Qualquer defeito não está limitado à perda isolada de uma função, mas traz consigo a reorganização radical de toda a personalidade, assim como traz à tona novas forças psíquicas e ainda lhes dá uma nova orientação” (Vigotski, 2022, p. 81).

Nesse sentido, é possível compreender que há, na perspectiva de Vigotski, a presença de um mecanismo denominado compensação - mas não no sentido biológico, como é trazido em sua obra alguns exemplos os quais ele questiona e apresenta suas

contradições. A compensação social é uma resposta do meio em relação à deficiência do sujeito, que objetiva diminuir as barreiras e prover um ambiente propício para o desenvolvimento integral desse sujeito, mediante as adaptações necessárias. É importante frisar que a possibilidade é criada, embora, a conclusão do processo pode ser exitosa ou não, como o autor afirma

Seria um erro supor que o processo da compensação sempre se conclui indispensavelmente com êxito, sempre conduz à formação de capacidades a partir da deficiência. Como qualquer processo de vencimento e de luta, a compensação pode ter também dois resultados: a vitória ou a derrota, entre as quais se dispõem todos os graus possíveis de trânsito de um polo a outro. [...] Porém, qualquer que seja o resultado esperado do processo de compensação, sempre, e sob todas as circunstâncias, o desenvolvimento complicado pela deficiência constitui um processo criador (orgânico e psicológico) de construção e reconstrução da personalidade da criança, sobre a base da reorganização de todas as funções de adaptação, da formação de novos processos, isto é, super estruturadores, substituidores e equilibradores, originados pela deficiência, e do surgimento de novas vias alternativas para o desenvolvimento (Vigotski, 2022, p. 38).

Nesse sentido, é muito importante ponderar com equilíbrio, pois quando afirmamos algo como definitivo, a exemplo da compensação, ignoramos as vicissitudes da própria vida. Portanto, quando se trata de desenvolvimento de pessoas com deficiência podemos pensar na compensação social como uma grande porta aberta, em que cada indivíduo, em meio aos estímulos e às adaptações necessárias, passará à sua maneira.

Ademais, é importante estabelecermos uma visão real da vivência de uma pessoa com deficiência, fugindo de estereótipos e rótulos, pois esses podem reduzir a pessoa à sua condição, o que contribui para que as relações interpessoais não aconteçam de forma plena. A esse respeito, Padilha afirma que “[...] o deficiente não é deficiente, por si só, o tempo todo, como uma entidade abstrata e deslocada. A deficiência está contextualizada e marcada pelas condições concretas da vida social” (Padilha, 2000, p. 206 *apud* Drago, 2011, p. 66).

Considerando que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá pela transição do meio interpessoal para o intrapessoal, quando as relações são prejudicadas o próprio desenvolvimento é comprometido. Destarte, o desenvolvimento

da criança é uma combinação entre a maturação biológica e a interação com o meio cultural em que vive, na qual esses dois processos interagem de forma muito coesa. No entanto, na criança com deficiência

não se observa esse tipo de fusão; ambos os planos do desenvolvimento divergem geralmente de modo mais ou menos ostensivo. A deficiência orgânica serve de causa da divergência. A cultura da humanidade criou-se em condições de certa estabilidade e constância do tipo biológico humano. Por isso, seus instrumentos materiais e adaptações, seus aparatos e instituições psicológicas estão destinados para a organização psicofisiológica normal (Vigotski, 2022, p. 42).

Em outras palavras, o mundo não é um lugar preparado para receber pessoas com deficiências. É razoável pensar que no século XX, ainda em meio aos avanços dos debates acerca da inclusão, com a causa ainda ganhando visibilidade, pensar em adaptações para essas pessoas era algo pouco popularizado. É lamentável observar que, quase um século depois, no cenário hodierno, muitos lugares ainda continuam despreparados para promover uma interação rica e proveitosa para pessoas com deficiência. Seja pela infraestrutura ou pelo olhar estigmatizado das pessoas, a experiência social delas é afetada. Por isso, Vigotski afirma que os reflexos advindos de sua condição “[...] é sentida por ela apenas indiretamente, secundariamente, como resultado de sua experiência social refletida sobre si mesma” (Vigotski, 2022, p. 117). Ademais,

Vygotsky mostra que a criança cega ou surda só percebe sua anormalidade porque o contexto social a discrimina de tal modo que a enclausura em um mundo onde a anormalidade e as deficiências são sua única expressão concreta de apropriação intersubjetiva (Drago, 2011, p. 94).

O desenvolvimento da criança com deficiência é, portanto, marcado por essa contradição, pois ainda que o meio seja marcado por questões que podem minar o processo de desenvolvimento, ele também é a porta de entrada para o curso de sua progressão em aquisições significativas de seu psiquismo. Tendo em vista, também, que a escola é responsável pela ampliação de experiências com o meio de forma direcionada e organizada, entende-se que o seu papel na inclusão é de extrema relevância, pelas lentes da teoria histórico-cultural.

4.3 O LEGADO VIGOTSKIANO PARA PENSAR A INCLUSÃO NAS ESCOLAS

A trajetória da educação de pessoas com deficiência tem passado por profundas mudanças nas concepções como percebemos ao longo da história. Inicialmente, excluídas totalmente da vida comum, o atendimento especial, muito associado ao assistencialismo e ao cuidado, começou a se mobilizar por essa causa. Instituições filantrópicas e religiosas se dedicavam às questões das pessoas com deficiência, mas sem o objetivo de inseri-las de forma integral na vida social.

Com o passar dos anos e a ampliação do debate, a questão chega ao domínio escolar. O debate atual se concentra, basicamente, em três concepções que se localizam historicamente. Primeiro, as classes especiais, em que o trabalho pedagógico é feito totalmente à parte da educação geral e direcionado à deficiência. Por esse prisma, Vigotski (2022) criticava veementemente, há quase 100 anos, a existência da educação especial alheia ao universo escolar geral. Segundo o autor, essa prática impossibilita que a criança se desenvolva socialmente, tendo em vista que seu percurso é limitado pela sua deficiência, tirando-lhe a possibilidade de interagir com crianças sem deficiências, criando vínculos potentes para o seu processo de aprendizagem e interação com o meio. Nesse ínterim, o autor afirma

A escola especial, por sua natureza, é antissocial e forma o espírito antissocial. Precisamos pensar não em como isolar o cego e separá-lo da vida, mas em como incorporá-lo o mais cedo possível à vida. O cego tem de se desenvolver na vida geral junto com os videntes; é necessário que estudem na escola comum. Assim, certos elementos do ensino e da educação especial devem ser mantidos na escola especial ou ser introduzidos na escola comum. Mas, como princípio, deve ser criado um sistema combinado de educação especial com geral [...] (Vigotski, 2022, p. 124).

Embora direcionada a cegueira, o postulado anterior pode ser ampliado para todo tipo de deficiência. Essa perspectiva, embora construída no século anterior, faz parte de uma concepção muito moderna. Mantoan (2015), um dos nomes brasileiros pioneiros e mais referenciados na discussão da inclusão escolar, traça uma linha temporal, iniciando pelas classes especiais, seguindo pela integração, chegando, enfim, no conceito de inclusão. A integração, popularizada a partir da década de 70, é um conceito que, embora amplie o horizonte se comparado às classes especiais, peca em oferecer uma inserção parcial nas escolas comuns, sem oferecer os caminhos adaptativos necessários para uma experiência escolar integral e sociabilizada.

A inclusão, por outro lado, leva em consideração as particularidades do indivíduo e se move, de forma intencional e organizada, para se adaptar e promover práticas que o incluam em todos os ambientes. Por isso, a ideia de um sistema combinado de educação especial com a geral, visto que as adaptações serão feitas, mas estarão diluídas no sistema comum de ensino. Essa visão, proposta por Vigotski, apresenta uma percepção mais humana e social sobre as deficiências, pois o autor percebia que as deficiências impactavam não somente na base biológica dos sujeitos, mas se configurava, ao longo de sua trajetória, como uma questão social, já que a sociedade, conservando-se excludente, impedia que o sujeito fosse incluído na vida social. Nesse sentido, parafraseando o autor, o grande problema da educação de pessoas com deficiência em Vigotski, portanto, é encará-lo não como um problema biológico, somente, mas como um problema social (Vigotski, 2022).

Anteriormente, foi apontado que, para o autor pesquisado, um dos maiores erros da educação foi isolar o ensino da vida real e cotidiana, pois uma das funções da educação é fazer com que os sujeitos se posicionem socialmente, interajam de forma harmoniosa

com o meio e com seus pares. A sociabilidade é uma característica intrínseca à natureza humana é fundamental para o desenvolvimento e isso não muda em casos de pessoas com deficiência. O fato é que

A conduta do homem, por si mesma, como um conjunto de reações, a rigor, permanece inalterável. O cego e o surdo estão aptos para todas as facetas da conduta humana, isto é, da vida ativa. A particularidade de sua educação reduz-se somente à substituição de umas vias por outras para a formação dos nexos condicionados. Uma vez mais repetimos: o princípio e o mecanismo psicológico da educação são os mesmos que na criança normal (Vigotski, 2022, p. 114).

À vista disso, é possível estabelecer alguns pressupostos, a partir da teoria histórico-cultural para a educação de crianças com deficiência. Nesse sentido, tendo conhecimento da possibilidade da compensação social, o pedagogo deve se comprometer em exercer atividades que propiciem esse movimento. A leitura, a linguagem e outros aspectos presentes em uma situação de ensino podem ser adaptadas com vistas à inclusão das crianças nas experiências escolares. Nesse contexto, é asseverado por Vigotski que

Qualquer elemento do meio, qualquer partícula do mundo, qualquer fenômeno pode fazer o papel de estímulo condicionado. Os processos da formação do reflexo condicionado serão os mesmos em todos os casos. [...] a natureza do processo educativo das crianças com defeito, no mais essencial, é igual à da educação das crianças normais. Toda a diferença reside somente no fato de que, em alguns casos (cegueira, surdez), um órgão da percepção (um analisador) é substituído por outro, mas o próprio conteúdo qualitativo da reação continua sendo igual ao que ocorre em todo o mecanismo de sua educação (Vigotski, 2022, p. 113).

O excerto acima apresenta uma via adaptativa. Sabemos que cada deficiência se manifesta de uma forma e marca de maneira singular, sujeitos diferentes. No entanto, o professor e a escola devem se mover para que as crianças sejam atendidas de maneira a diminuir os obstáculos sociais, concretos, como a infraestrutura excludente, ou abstratos, relacionados à condutas e ideias do grupo. Ademais,

Todo o problema reside em que as técnicas educativas devem ser, nesses casos, individualizadas, de acordo com cada caso particular. Com um método de compensação, por um lado, e de adaptação, por outro, a questão pode ser resolvida sem dificuldade. Um inválido, com uma educação razoável, pode conservar todo o seu valor social e a influência de sua deficiência pode ser praticamente anulada (Vigotski, 2003, p. 258).

O principal objetivo é que essa criança seja vista além da sua particularidade, e que o meio social, organizado e pensado intencionalmente contribua para que sua experiência social seja positiva e propulsora para o desenvolvimento. Por esse motivo, Vigotski afirma que “do ponto de vista pedagógico, a educação dessa criança se limita a corrigir totalmente esses desajustes sociais. [...] A tarefa da educação consiste em incorporar a criança à vida e criar a compensação de seu defeito físico” (Vigotski, 2022, p. 93).

O autor tece uma crítica ao panorama da educação especial de sua época, ressaltando

[...] a educação está debilitada pelas tendências da lástima e da filantropia; está envenenada com o tóxico do estado doente e da debilidade. Nossa educação é insossa: ela não toca os pontos vitais do aluno; na educação, falta-lhe tempero. Precisamos de ideias audazes e formadoras. Nosso ideal não é rodear de algodão o lugar enfermo e cuidar dele, mas descobrir as vias mais amplas para sua supercompensação (Vigotski, 2022, p. 89).

Ao se tratar de deficiências, é muito comum endossar um discurso de piedade e comiseração, talvez pelo próprio passado histórico da concepção envolta nesse tema. No entanto, a escola deve romper com tais paradigmas, pois detém, ou ao menos deveria ter, o conhecimento da ampla possibilidade que a compensação oportuniza para crianças com deficiência. Portanto, é papel da escola

[...] não atenuar as dificuldades que surgem do defeito, mas tensionar todas as forças para sua compensação, apresentar somente tarefas, e em ordem que respondam ao caráter gradual do processo de formação de toda a personalidade sob novo ponto de vista (Vigotski, 2022, p. 78).

Assim, Vigotski (2022) postula que o fim da educação é a validade social, ou seja, a inserção do sujeito na vida social. Assim, o processo pedagógico então deve atenuar, por

meio da manipulação do meio, os efeitos da deficiência a fim de que o sujeito vivencie ao máximo, tanto quanto lhe for possível, a vida em sociedade e usufrua de sua identidade social e histórica inerente. Para tal, o isolamento da criança em relação ao espaço diversificado da vida escolar comum não contribui em nada para que ela desenvolva suas potencialidades. É certo que ela se desenvolverá, no entanto, dentro de seu ritmo específico.

Portanto, as contribuições de Vigotski para a educação inclusiva são muito atuais e pertinentes, apresentando uma concepção de sujeito para além de sua circunstância biológica. A educação, em geral, deve enxergar os sujeitos sem ignorar seus contextos particulares mas os utilizando para pensar as práticas pedagógicas conscientemente, com a finalidade de ampliar os horizontes e romper com determinismos silenciosos que imperam na sociedade e limitam a vivência de pessoas com deficiência.

Em seus estudos, Vigotski entende o ser humano como produto e produtor no/do meio, ou seja, a constituição humana se dá a partir da interação entre os pares. Nesse sentido, a herança vigotskiana para o debate sobre a inclusão nos revela que o caminho mais profícuo para a aprendizagem e o desenvolvimento de toda e qualquer criança passa pela caracterização do meio. No papel de professor, esse indivíduo mais maduro e preparado, deve tomar para si a responsabilidade de preencher as lacunas que surgem pelo caminho de seus educandos. Essa importante tarefa exige formação qualificada, planejamento e organização, o que demanda comprometimento e seriedade. Nesse sentido, alcançar o ideal de inclusão pensado por Vigotski está associado a uma postura ativa da comunidade escolar em criar um ambiente acolhedor para todas as crianças, sem exceção, e considerando as especificidades de cada sujeito, sem focar nos déficits.

5. CONCLUSÃO

Entendemos, por meio da presente pesquisa, que encontramos um ideal de inclusão muito à frente de seu tempo, que critica a educação especial em casos em que a socialização é possível. Restringir a socialização de sujeitos com deficiência limita as potencialidades que existem em uma socialização plural, ambientada em um espaço preparado para receber todas as pessoas, sem exceção.

A concepção de compensação social também contribui para uma perspectiva não fatalista, que enxerga o sujeito além de sua deficiência, focalizando suas possibilidades e ponderando que as adaptações são um dos caminhos que podem oferecer aos sujeitos com deficiência uma vida comum. Esse olhar humaniza os sujeitos, já que caminha na direção da equidade, visando uma vivência que não seja menos significativa por motivos excludentes.

Além disso, pensar nas implicações sociais, e não somente biológicas, das deficiências, abre um espaço para discussões que tocam a realidade de pessoas com deficiência em outras camadas, pensando em ações concretas que possam atingir positivamente suas vidas. Ao trazer a pauta para a educação, é possível elencar setores que devem se articular para compreender mais e também estabelecer políticas que beneficiem esses grupos e garantam seus direitos.

Sendo assim, a perspectiva de Vigotski é marcada por respeito à subjetividade e por um olhar que não fataliza o sujeito, já que foge de determinismos de qualquer natureza. Partindo dessa premissa, a educação inclusiva indicada por Vigotski se mostra atemporal e aplicável aos dias de hoje, servindo como base para um discurso engajado na defesa dos direitos garantidos por lei, para a prática docente e para a constituição de um ambiente escolar que respeite e humanize cada vez mais seus educandos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.
DRAGO, Rogério. **Inclusão na Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: Valéria Amorim Arantes (Org.). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas, p. 13- 34. São Paulo: Summus Editora, 2003.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Completas – Tomo Cinco**: Fundamentos de Defectologia. Paraná: Editora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski**: sobre os fundamentos da pedagogia. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.